

MANICÔMIO
Bernardino Rocha

Direitos autorais do texto original
COPYRIGHT- 2016
BERNARDINO ROCHA
Todos os direitos reservados

Para Rosane
Pelas incansáveis demonstrações de
carinho e incentivo e pelas incontáveis horas
de paciência e espera.

Sumário

MANICÔMIO.....	4
REFLEXÕES.....	18
DESPERTAR.....	26
PASSADO.....	36
FATALIDADE.....	51
RETORNO.....	65
DESPEDIDA.....	72
PERSEGUIÇÃO.....	83
RESGATE.....	93
CONJECTURAS.....	101
DEFESA.....	106
ENCONTRO.....	115
PLANOS.....	128
DESENLACE.....	136
FINAL.....	147
PRESENTE.....	161

MANICÔMIO

O ELEGANTE Citroen C5 percorria velozmente a alameda de acesso à suntuosa clínica Dr. Eiras de Brito, especializada em tratamento psiquiátrico. As folhas secas, que despencavam das inúmeras árvores que ladeavam a pista e cobriam o solo como um tapete, elevavam-se no ar em redemoinhos, à medida que o automóvel avançava. O verão brasileiro, no auge de sua plenitude, impunha severo castigo a quem se aventurasse a circular por áreas não climatizadas. A energia dos inclementes raios do sol espalhava-se sobre todos os recantos, exaurindo a força, drenando inexoravelmente o ânimo, a disposição e a vontade daqueles que insistissem em fazer qualquer coisa, que não fosse atirar-se nas águas frias de uma piscina. No interior do veículo, os dois ocupantes experimentavam diferentes sensações, apesar de submetidos às mesmas condições ambientais. O motorista deleitava-se com o conforto proporcionado pelo refrescante ar condicionado que os isolava do calor da estação, e com a praticidade do câmbio automático que o liberava das antiquadas e repetitivas trocas de marcha. A resposta sonora do potente motor de duas mil e quinhentas cilindradas que se fazia sentir a cada vez que ele acelerava, incutia-lhe uma agradável sensação de poder. No banco traseiro, a advogada, Dra. Vanessa Wertmüller, não dispensava nem um milímetro de sua atenção para esses detalhes técnicos. Inquieta, ela fazia anotações em uma simples agenda com espiral de arame. Ela detestava aquelas agendas com encadernação sofisticada, que não eram nada práticas, nas quais não se conseguia encostar capa com capa. No papel, ela escrevia as perguntas que faria para seu cliente, com o qual iria encontrar-se pela primeira vez. Luciano Amaral era o nome dele, recluso na

clínica há três anos. Os fatos que levaram Luciano a parar naquele lugar eram conhecidos de todos, eram de domínio público. O que não se sabia eram as circunstâncias, uma vez que ele nunca disse uma palavra sobre os acontecimentos. Na verdade, Vanessa, a contragosto atendia a um pedido de uma amiga dos tempos de faculdade. Em sua cabeça, reverberavam ainda as últimas palavras da conversa com Renata Amaral.

– Vanessa, você é minha última esperança! Por favor, tire meu irmão desse inferno!

– Renata, seu irmão, durante anos manteve-se em silêncio – a advogada, a bem da verdade, não tinha interesse em abraçar a causa - nada disse a respeito dos fatos que o levaram à condenação. Sinceramente, ele precisa falar o que aconteceu, a fim de que se possa elaborar uma tese. Caso contrário, não vejo como posso ajudá-lo.

– Eu tenho certeza que com você ele vai falar tudo o que aconteceu naqueles dias horríveis!

– Como pode ter tanta certeza?

– Eu não sei... só não aguento mais vê-lo naquele lugar!

– Olhe só Renata, preste atenção no que vou falar - pacientemente Vanessa tentou ser o mais clara possível - como seu irmão se manteve em silêncio, em estado quase catatônico, o defensor não teve outro caminho a não ser alegar insanidade mental. Também ajudou muito, o fato dele não ter antecedentes, ser primário. Claro, vocês também perderam um dinheiro, estão perdendo até hoje, mas não poderia ser de outra forma. Num caso como esse valeu muito a pena, principalmente porque ele cumpre a medida de segurança em estabelecimento particular. Se não fosse assim, ele estaria agora apodrecendo em um hospital de custódia do Estado. Mas até pra sair da custódia da clínica ele

precisa melhorar. O psiquiatra do Estado não irá liberá-lo, não se ele continuar mudo.

– Eu gastaria até meu último centavo para vê-lo em liberdade!

– A acusação é de homicídio. Colocá-lo em liberdade agora seria a completa desmoralização do judiciário. Sabe como é, o caso teve repercussão...

– Por favor, Vanessa, eu lhe imploro!

– Está bem, Renata – concordou por fim a advogada - não prometo nada, mas irei visitá-lo amanhã, na parte da tarde.

O Citroen estacionou em frente ao prédio da administração, um lugar bonito, arborizado, com um vento constante amenizando a temperatura elevada naquela época do ano. A clínica psiquiátrica Dr. Eiras de Brito era uma instituição direcionada para bem nascidos, utilizada muitas vezes como uma espécie de spa alternativo. Notória era a sua fama de presídio de luxo, pelo fato de muitos ricos cumprirem penas ali, egressos do sistema penal. A primeira condição para o detento vir a ser internado na clínica era o judiciário acatar a alegação de insanidade. E a segunda condição, era ter o dinheiro necessário para pagar a estadia, pois o preço para permanecer lá era muito alto. Quanto mais se pagasse, maiores os privilégios. Havia muitos casos de internos que eram liberados à noite ou durante o fim de semana e que não poderiam nunca gozar desta prerrogativa. Eram benesses compradas a preço de ouro. Muitos deles, pelo menos a maior parte, não apresentava nenhum problema psiquiátrico. A bem da verdade eles pagavam um alto preço para não ir pra cadeia. Era um negócio extremamente lucrativo, pois também o judiciário se beneficiava com o pagamento que recebia da clínica pela manutenção do convênio em contrato de exclusividade. A propriedade localizava-se em

uma área rural abrigando diversos prédios, dentre os quais, aqueles onde ficavam alojados os internos, com toda infraestrutura de conforto que o dinheiro pode oferecer. Ladeando o prédio da administração, porém um pouco mais ao fundo, destacavam-se as alas masculina e feminina dos pacientes, com seus edifícios de apartamentos, formando um belo conjunto arquitetônico. Uma atmosfera lúgubre envolvia toda a propriedade, naquele belo cenário, onde parecia ecoar pelos ares, uma sequência de sussurros e lamentações, quando o vento lambia a copa das árvores.

Dezesseis horas em ponto. Vanessa encontrava-se confortavelmente instalada em uma caríssima poltrona revestida de couro na sala destinada aos visitantes vip's. Decorada com bom gosto e requinte, recheada de telas, assentos e tapetes, vasos e porcelanas, a ampla sala refletia ao mesmo tempo luxo, conforto, mas também certo desequilíbrio visual, motivado pelo excesso de informação. Ela consultou o relógio e uma ligeira contrariedade mostrou-se em seu semblante. Habituada a cumprir diariamente uma extensa agenda de compromissos, Vanessa era rígida com relação a horários e profundamente crítica com relação a atrasos. Ela aguardava a presença do diretor da instituição, Dr. Jorge Emanuel Eiras de Brito, a fim de obter autorização para reunir-se com Luciano. No momento em que Vanessa olhou para a porta, já se formava em seu pensamento uma moderada censura com relação ao fato de estar há pelo menos três minutos, alojada naquele ambiente, sem nenhuma satisfação da parte de algum representante da clínica, nem mesmo da recepcionista que a encaminhara para ali. E então, a porta se abriu, materializando a figura de um homem magro, altura mediana, cabelos e bigode pretos com muitos fios grisalhos. Duas coisas chamaram a atenção dela com relação ao homem: Ele

vestia sobre as roupas um comprido jaleco branco, que se estendia até a altura dos joelhos e usava óculos preto antiquado. Ele fechou a porta e se aproximou de Vanessa.

– Boa tarde doutora Vanessa – ele disse estendendo a mão direita - meu nome é Jorge Emanuel. Sou o diretor desta casa de saúde...

– Muito prazer, Vanessa Wertmueller... – ela retribuiu o gesto.

– É um prazer conhecê-la doutora. Em que posso ajudá-la?

Quando fez essa pergunta, Jorge apontou com um gesto amplo para um sofá, com uma expressão no rosto que dava a entender que, alojados naquele móvel, teriam maior privacidade para conversar. Vanessa não gostou do olhar do médico, que dedicou mais atenção ao seu corpo, do que aos seus olhos. As grossas lentes do óculos, em conjunto com o bigode conferiam a ele um aspecto de inseto. Ela levantou-se e foi até o sofá, acomodando-se, conforme o desejo de Jorge, com a sensação de que seu corpo era atravessado por um feixe de raios X. A caríssima bolsa Louis Vuitton permaneceu no colo da advogada, estabelecendo a clássica linha de defesa feminina.

– Doutor Jorge, tenho particular interesse por um interno desta sua unidade... – começou a advogada.

- É verdade, bem sei de quem se trata. A irmã dele, Renata, contatou-me na semana passada solicitando este encontro...

– Pois bem doutor, preciso falar com este homem – ela falou enquanto pensava – “imbecil, se já sabe por que pergunta?”

– Veja bem doutora Vanessa –ele assumiu uma expressão pensativa - creio que não preciso nem dizer que não concordo

com esse pedido. Em minha opinião médica, não acho aconselhável, qualquer contato externo, nesse momento com o paciente. Trata-se de um caso complicado. Em todos esses anos ele não quis falar com ninguém com exceção dos familiares, e pelo que sei não adiantou grande coisa...

– Posso chamá-lo de Jorge?

– Claro... – ele deu a entender que atenderia a qualquer pedido dela.

– Jorge, Renata é minha amiga particular, desde os tempos de faculdade. Só por isso aceitei vir até aqui. Infelizmente na época em que estes fatos ocorreram, eu não me encontrava no Brasil e o que eu sei é o que todo mundo sabe. O senhor deve concordar comigo que para montarmos uma estratégia de defesa, precisamos primeiramente fazê-lo falar.

– Doutora Vanessa, concordo com a senhora. Eu lhe asseguro, estamos trabalhando para isso, com técnicas científicas, terapêuticas e medicamentosas. Em três anos não conseguimos resultados. Como já disse é um caso complicado e ao mesmo tempo fascinante. Representa um grande desafio para toda a minha equipe. Outros advogados já vieram até aqui, a maioria se convenceu com nossos relatórios. Apenas um tentou o contato pessoal com ele e desistiu. O que a faz pensar que vai obter sucesso?

A advogada não estava gostando do rumo que a conversa estava tomando. Era natural que ele fizesse oposição, que criasse obstáculos para o contato com o paciente, a fim de valorizar o seu trabalho. Desde o princípio ela acreditou que ele faria assim. Mas não vim de tão longe – ela pensou – pra retornar sem falar com Luciano. Então, ela olhou fixamente nos olhos do médico e falou de maneira a tentar influenciá-lo.

- A questão não se resume a isso, a simplesmente acreditar que comigo ele falará. Acontece que a família quer resultados. Esse homem tem uma formação acadêmica, é pai de família, trabalhava, gerava renda e empregos. E também é assegurada a ele por lei, uma chance de defesa. É doloroso para a família vê-lo internado, sem perspectiva, sem esperança, como se fosse um brinquedo quebrado abandonado num depósito.

- Mas a senhora como pessoa inteligente – disse o médico – deve concordar comigo que fazê-lo falar é uma questão de ordem médica. Não devemos colocar o carro à frente dos bois. Tornar o paciente capaz de interagir novamente em sociedade é tarefa que compete exclusivamente a nós da clínica.

- Foi muito bom você falar nisso Jorge – como boa advogada ela já aguardava que o médico enveredasse por esse caminho – devo também informá-lo que a família não está nada satisfeita com a sua falta de progresso. A família deseja que o caso de Luciano seja apreciado por outros especialistas, deseja outras opiniões que não sejam as de sua equipe. A bem da verdade Jorge, a família gostaria de interná-lo em outra clínica, mas não é possível por causa da exclusividade de seu convênio com o Estado.

- Não há necessidade doutora – ele não gostou do que ouviu e passou a falar bem sério - a clínica Eiras de Brito conta com os melhores especialistas do país em saúde mental. Eu não sabia que estavam tão descontentes...

- É natural que estejam não é doutor? Afinal de contas são três anos sem progresso. Mas vamos falar de hoje. O senhor vai, ou não vai permitir a minha visita?

O médico ficou pensativo durante algum tempo. Ele sabia que não podia permitir a interferência de outros médicos no caso de Luciano e seu temor era que contestassem o esforço que ele

apregoava, com relação ao tratamento do interno. Ou que pelo menos considerassem tal hipótese. Era muito conveniente para a direção manter Luciano dopado, sob efeito de pesada medicação e assim garantir a permanência do mesmo nas dependências da clínica. Era uma questão de visão empresarial. Dopado, Luciano gerava uma receita praticamente sem custos, nos remetendo à anedota da ferida do fazendeiro que custeou a faculdade do filho do médico. Jorge concluiu que uma boa estratégia para o momento era não contrariar a advogada sem, contudo, contradizer o seu ponto de vista. Então, ele improvisou uma solução.

- Está bem doutora, eu posso permitir a visita, mas não creio que a senhora consiga algum resultado onde minha equipe não conseguiu ao longo de três anos. Não é um pedido comum, mas se tratando da família Amaral, eu vou abrir uma única exceção. Vou precisar que a senhora preencha alguns formulários.

Vanessa concordou. Jorge levantou-se, foi até uma mesa e interfonou para uma determinada seção solicitando o comparecimento de um funcionário. Dali a mais alguns instantes Vanessa estava assinando um termo, isentando a instituição, de qualquer responsabilidade com relação à sua integridade física, no caso de uma possível agressão. Logo em seguida, deixaram a sala e encaminharam-se por um corredor até a parte final do prédio. Ao saírem do edifício alcançaram um terminal onde embarcaram em um veículo elétrico. Jorge tornou a falar.

- É meu dever alertar que fomos obrigados a instalá-lo numa das dependências menos nobres de nossa clínica. Ele encontra-se isolado na área de doentes perigosos, porque nos

últimos meses têm alternado estados depressivos e agressivos. Nosso temor era de que atentasse contra a própria vida...

Jorge ciceroneava Vanessa ao longo do caminho que levava a ala dos doentes perigosos, deixando-a a par das comodidades oferecidas aos seus pacientes, como se ela estivesse interessada em internar alguma pessoa. Ele tentava convencê-la de que não havia estabelecimento melhor preparado, tanto em termos de acomodações, quanto ao que se referia a tratamento, para acomodar Luciano. Ao mesmo tempo em que o veículo progredia, Jorge explicava que as acomodações eram individuais e equipadas com sistema de televisão a cabo, dispositivos de áudio e vídeo, micro-ondas e aparelhos de ar condicionado. Quando passaram em frente à sede do clube campestre, ela observou a grande piscina com águas límpidas. Ela viu homens e mulheres, corpos bronzeados, bem delineados, todos parecendo de bem com a vida. Uma vez mais, Jorge ressaltou as qualidades de seu empreendimento, e do esforço de sua administração em proporcionar aos seus clientes um ambiente sempre confortável, como o clube campestre, com dependências limpas e asseadas, piscinas, saunas, sala de ginástica e musculação. À medida que o carrinho elétrico avançava propriedade adentro, esta perdia o luxo e o glamour, qualidades que eram marcas registradas da clínica em seu portal de entrada. Nessa altura, a casa de saúde se parecia cada vez mais com os modelos de manicômios tão conhecidos por todos nós. A jornada terminou em frente a um prédio antigo com pintura cor de rosa já bem castigada pelo tempo e sem nenhuma espécie de atrativo. Vanessa desembarcou, na companhia de Jorge e o condutor permaneceu aguardando o retorno de ambos. Rapidamente aproximaram-se do pesado portão de ferro maciço, que separa a lucidez da loucura. Um grande número de câmeras de vídeo controlava todo o lado externo do edifício. Seguiu-se um

zumbido e logo em seguida o portão abriu-se com um estalo, certamente controlado por alguém no interior do prédio. Caminharam até uma escada com cinco degraus de acesso à entrada, no centro da edificação e após novo zumbido a porta de ferro também estalou e abriu-se. No interior da instalação, superadas as duas barreiras, o balcão de atendimento localizava-se à esquerda. Não era um balcão grande, já que não atendia ao público externo, salvo em raríssimas ocasiões, como aquela. O acesso às solitárias era monitorado em um terminal de computador. Dois funcionários trabalhavam ali e um deles corria os olhos na tela do computador particionada em muitos retângulos que exibiam as imagens das câmeras instaladas inclusive do interior das celas. Ela observou que para adentrar o longo corredor das solitárias, era necessário passar por dois portões paralelos e em forma de grades, e terminantemente proibidos de permanecerem abertos ao mesmo tempo. Nesse ponto Vanessa fez um pedido a Jorge.

– Por favor, Jorge, eu preciso entrar sozinha...

– De jeito nenhum, não posso permitir isso...

– Então eu quero voltar...

- Doutora. Vanessa, a senhora está complicando, colocando o caso sem solução...

– Se não posso entrar sozinha, eu quero ir embora, e informarei aos Amaral, de sua falta de colaboração para com um cliente tão importante.

– Não me importo com o que possa dizer, eu tenho uma responsabilidade médica com o paciente e outra responsabilidade pela sua segurança física...

– Jorge, por favor, eu lhe peço me dê dez minutos... é só o que eu preciso...

O tom suplicante deixou o médico confuso. Essa mulher é um demônio – pensou ele – muito perigosa. Em seguida, Jorge lembrou-se da importância e da influência da família Amaral. Ponderou que não era interessante entrar em conflito com a advogada e muito menos com a família de Luciano. Acabou por consentir o ingresso de Vanessa. Contudo, não deixou de adverti-la que por dez minutos ficaria sozinha com o paciente, frente a frente e que tudo correria por sua conta e risco. Por último determinou que um segurança a acompanhasse até a porta da cela de Luciano e que ali permanecesse, do lado de fora. A contrariedade no rosto de Vanessa era visível.

Vanessa e o agente de segurança lentamente atravessaram o longo corredor das solitárias, em número de doze, dispostas seis de cada lado. As portas eram maciças, de metal, não permitindo a visualização do interior das unidades. Na quinta porta do lado direito, o segurança parou em frente à mesma. Ele abriu uma minúscula janela corredeira e olhou para o interior do cubículo. Logo depois, destravou a porta, ingressou no ambiente, certificou-se de que estava tudo em ordem. Em seguida mandou Vanessa entrar. Conforme instruções recebidas, ele retirou-se da cela, permanecendo, no entanto, do lado de fora com a porta apenas encostada. Através do radiocomunicador, informou ao seu colega que estava tudo sob controle.

Vanessa ficou impressionada com o interior da cela. O chão era recoberto com tatames. As paredes, revestidas com placas de espuma firmemente fixadas. Não havia mesas, cadeiras ou nenhuma espécie de móvel mais rígido. A cama era fixa numa das paredes, com estrutura de alvenaria também recoberta por espuma. O hóspede não tinha nenhum controle sobre a luminosidade e a temperatura do ambiente. Não havia janelas. O

aparelho sanitário consistia tão somente num buraco no solo, o popular “boi” em um dos cantos e sem nenhuma privacidade. Ela concluiu que para alimentar-se, o paciente deveria fazer uso de utensílios descartáveis, provavelmente de plástico flexível.

Havia também duas enormes almofadas, moldadas de forma a envolver completamente o corpo de quem nelas sentasse. Exatamente numa delas encontrava-se Luciano acomodado. Estava prostrado e absolutamente estático. Era um homem ainda jovem, com cerca de 40 anos, bastante emagrecido, barba por fazer há dias e com aparência de dopado, talvez por excesso de medicamentos. O uniforme que ele usava acentuava ainda mais a sua magreza. Chamou a atenção de Vanessa, o modo de agir do cativo, como se ela não estivesse presente.

Vanessa tentou falar com ele e não obteve resposta. Ele permaneceu no mais absoluto silêncio, rejeitando toda e qualquer tentativa de se estabelecer um diálogo, por mais que Vanessa insistisse. Ela identificou-se, disse para ele o que foi fazer lá e também falou sobre quem a mandou. Como resposta, depois de certo tempo, Luciano levantou-se, dirigiu-se até a latrina a fim de satisfazer necessidade fisiológica. Ela ficou envergonhada, virou-se de costas e passou a observar o desenho geométrico formado pela disposição das espumas na parede. Nem percebeu quando ele voltou à poltrona. Quando tornou a encarar o homem, ele já se encontrava novamente entronado em sua almofada. Foi nesse instante que Vanessa decidiu não mais continuar. Deixou a cela, antes mesmo de expirar o tempo que ela pediu. O segurança imediatamente trancou a dependência e, juntos atravessaram novamente o longo corredor das celas. Mas o pior de tudo seria no lado de fora, quando enfrentasse o olhar irônico do antipático Jorge. Ficou aborrecida, pelas circunstâncias e por ter que

reconhecer que no fundo, o médico estava com a razão. Mas, depois de tudo, ela chegou a uma conclusão. Era um excelente negócio para a clínica, a manutenção de Luciano internado. Ela evidentemente blefou quando mencionou que a família desejava a intervenção de outros profissionais no caso de Luciano. Na realidade, ela concluiu isso, pelo teor de suas conversas com Renata, mas nunca houve uma manifestação oficial nesse sentido. E Jorge por sua vez, se entregou quando em seu rosto se formou um semblante preocupado, ao mesmo tempo em que não aconteceu, como seria de se esperar, uma explosão de fúria por ter sido atacado em seu ego extremamente vaidoso. Além do mais é muito difícil brigar contra médicos. Eles não se atacam, eles se protegem ao máximo. E num caso como o de Luciano, era causa perdida, pois quando se trata de doença mental, até mesmo para os maiores especialistas a matéria é recheada de dúvidas. Ela lembrou-se de um médico amigo dela, que simplesmente abriu a cabeça de um paciente, apenas para com o dinheiro da cirurgia quitar suas dívidas com a administradora do cartão de crédito. Ele inventou um aneurisma e convenceu o suposto enfermo, na base da confiança, a se submeter à cirurgia. Como confiar nessa classe?

- E então doutora? Como foi a entrevista? – perguntou Jorge enquanto se encaminhavam para o transporte.

- Queira me perdoar Jorge, mas não posso comentar. Isso é segredo profissional.

- Perfeito doutora Vanessa – continuou o médico com ironia - mas se me permite, gostaria de arriscar um palpite. A senhora não conseguiu arrancar nada dele não é?

- Por favor Jorge, não seja impertinente! Este assunto não lhe diz respeito – irritada, Vanessa respondeu demonstrando ao médico que quando provocada, não tinha papas na língua.

- Eu lhe falei doutora Vanessa – o médico sorriu - minha equipe em três anos, nada conseguiu...

Com o semblante desfigurado pelo ódio, ela fulminou Jorge apenas com o olhar. Permaneceram em silêncio ao longo de todo o trajeto de volta ao edifício da administração, com ela jurando para si, que nunca mais colocaria os pés naquele lugar. Tudo o que se ouvia era o suave ruído do motor elétrico do veículo de transporte. Ao final da jornada, em frente ao prédio da administração, Vanessa desembarcou e não se despediu do médico. No interior do Citroen ela defenestrou o calor e o maldito horário de verão. Quase cinco da tarde e o sol ainda castigava a paisagem. Essa tão festejada economia – ela pensou – vai toda pro ralo nas mãos do governo.

REFLEXÕES

NOVE E MEIA DA NOITE. Vanessa acabara de acender um hollywood e sorvia com muito prazer, a fumaça e os gases liberados. Tem horas em que um cigarro é indispensável! – ela pensou. Do alto de sua cobertura na Barra da Tijuca, ela olhava para as luzes dos outros prédios, que juntamente com o seu, formavam o elegante condomínio onde morava. Estava ainda aborrecida devido aos acontecimentos à tarde na clínica. Não conseguia se perdoar pelo erro de ir se encontrar com uma pessoa que não apresentava as mínimas condições para sustentar uma conversa. Muito menos, ela sabia explicar por que fez isso. Renata em seu desespero de resolver a situação do irmão induziu-a a creditar que a tarefa seria fácil. Se pelo menos ela soubesse que Luciano estava em estado semivegetativo, teria recusado logo de início. No final das contas quem estava certo era o antipático médico, e ela detestava cometer um erro assim. Advogada bem sucedida, especialista em direito tributário, Vanessa trabalhava para uma empresa multinacional, há dez anos. Detentora de um curriculum invejável, incluindo várias viagens ao exterior, a serviço da empresa, ela poderia se considerar integrante de uma elite, dentro da conjuntura do país. Também era proprietária de vários imóveis, veículos e máquinas, todos administrados com mão de ferro. Aos olhos de qualquer mortal seria uma pessoa realizada. Apesar disso, em algumas noites, um sentimento comparável a uma melancolia insistia em lhe invadir os pensamentos. Já fora casada, mas agora estava e queria ficar sem ninguém. Nem namorado. Era uma solitária, por opção e também por convicção. O casamento foi um erro, uma experiência ruim, que não deu certo, por conta de seu temperamento autoritário e irrequieto, que não admitia contestações. Não podia dar certo e